

A ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 45000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 38 — VOL. III.

sabbado 24 de Setembro de 1859.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 45300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 55000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Modon — Reinado de D. Afonso VI, continuação — A cidade de Guimarães — A villa de Idanha a Nova — A ponte de arca — Arzeb. continuação — Cronstadt — O desconhecido, continuação — Um tremor de terra no interior de uma mina — O amor e o dever, continuação — O prisioneiro.

GRAVURAS — Brasões d'armas da cidade de Guimarães, e villa de Idanha a Nova — Cronstadt — Modon.

Historia da actualidade.

As corvetas *Bartholomeu Dias* e *D. Estephania*, que tinham partido para a costa de Marrocos, acompanhadas do vapor *Argus*, ao qual se haviam juntado nas aguas do Algarve, regressaram esta semana.

De cirios e arraiaes tem sido fartos estes dois mezes; o ultimo cirio que nos consta partiu da cidade, e regressou na corrente semana foi o de Santa Cruz do Castello, e não sabemos que afora este haja d'aqui por diante mais algum.

Appareceram as reformas das secretarias da marinha, e justicas.

Concluiu-se, finalmente, em menos de quinze dias a demolição dos casebres do Loreto, e em breve estará igualmente arreado o entulho d'aquellas ruinas, pois que na sua remoção se trabalha com tanta actividade como na demolição.

Estão-se limpando as caldeiras de Alcantara para servirem de refugio aos barcos do Tejo, no inverno, em quanto se não fazem as duas dokas para as quaes já existem planos na secretaria do ministerio das obras publicas.

Continua assustador o estado da Italia, e parece que as questões que se não tem podido decidir nas conferencias de Zurich, que nada hão feito, serão cortadas novamente pela guerra.

O papa vae melhor, e vae sair para o campo.

Descobriu-se uma conspiração em Constantinopola, dizem uns que contra a vida do sultão, affirmam outros que sómente com o intuito de promover o estado de agitação. Foram presos uns quarenta individuos.

Preparam-se em Bolonha meios de defesa.

O principe Napoleão chegou de incognito a Berna, sob o supposto titulo de conde de Meudon.

Desmancharam-se os acampamentos de Chalon e Helfau, regressando as tropas que os acompanhavam as suas guarnições.

O bey de Tunis foi declarado em perigoso estado de saude pelo medico francez que o mesmo bey havia mandado pedir a Paris.

— O imperador d'Austria levantou o estado de sitio do Veneto.

— Noticiam de Algeciras que nada mais de novo havia acontecido nem em Ceuta, nem no campo marroquino.

— Escrevem de Gibraltar que estavam continuamente a chegar áquella praça fugitivos dos fortes marroquinos.

— O governo austriaco insta no congresso de Zurich porque se faça um novo tratado de paz, no qual consignando-se a cessão da Lombardia, não se falle contudo nos negocios dos ducados.

— O rei dos Paizes Baixos pronunciou um discurso na abertura dos estados geraes, que concluiu fallando na defesa nacional, e na esperança de salvar illesas a independencia e integridade do solo patrio.

— Noticias d'Argel dizem que ali se concentram tropas para castigar severamente, e por uma vez, os ataques dos marroquinos, cujas tribus tem insultado as fronteiras francezas.

— Um d'estes insultos consistiu em serem roubadas e queimadas muitas casas francezas nas vizinhanças das minas de Gar-Rouban, nas quaes por tal motivo foi preciso suspender os trabalhos. O general Sterhazy repelliou contudo victoriosamente a aggressão.

— Escrevem de Calcuttá que a dynastia de Delhy foi despojada para sempre dos seus titulos, privilegios, e distincções.

— Os ministros dos negocios estrangeiros de Baviera, Saxonia e Wurtemberg, concordaram em conferencia na necessidade da reforma da confederação germanica.

— Na Cochinchina se está a ponto de concluir um tratado de paz com os anamitas.

— Em Calcuttá corre noticia de que o almirante francez na Cochinchina, depois de assignado o dito tratado, se dirigirá com a sua esquadra a reforçar a da China.

— Os estados de Sonora e Chihuahua tratam de se declarem independentes.

— Os inglezes enviaram forças maritimas de Malta para Gibraltar, e vão estabelecer uma linha de canhoneiras para vigiar a attitude da Hespanha em Africa.

— Publicou-se esta semana em Lisboa o primeiro numero de um jornal hebdomadario, que tem por titulo *Jornal para todos*, e é adornado de gravuras.

— No deposito de Mafra já existem perto de seiscentas recrutas.

— Em Paris continuam activamente os preparativos para mandar forças contra a China.

— O governo inglez da India prepara-se para nova campanha contra os insurgentes, quando a estação o permittir.

— No Ferrol assentaram-se as quilhas de quatro navios, que são uma nau, uma fragata, e duas goletas a helice.

— Inauguraram-se as obras do primeiro dique de grandes dimensões n'este arsenal.

— A margem esquerda do Pó está militarmente occupada pela Austria. Ha destacamentos em todos os pontos aonde se pode fazer um desembarque.

— Vae formar-se novo corpo de exercito n'um dos portos do mar do Meiodia de Hespanha.

— Em Hespanha continuam com muita actividade os trabalhos de fortificação nas praças do mar Cantabrio.

— O rei da Belgica acha-se actualmente visitando alguns pontos da Biscaia.

— Chegou ultimamente noticia de que sobre a base de se tratar unicamente da cessão da Lombardia, os plenipotenciarios da conferencia de Zurich partem para as suas côrtes, voltando depois a assignar a paz.

— Já saiu de Plymouth parte da esquadra destinada aos mares da China.

— Julga-se proximo um congresso europeu em Bruxellas sob a presidencia do rei Leopoldo.

— O principe Maximiliano foi nomeado governador das possessões austriacas na Italia.

— Na Russia creou-se um senado, composto dos altos dignatarios do imperio.

Modon.

A cidade de Modon, chamada pelos antigos gregos Pegaso, e mais tarde Methonia, é defendida por um castello edificado sobre uma lingua de terra que entra pelo mar, e separada do continente por uma ponte de madeira sustentada em pilares de pedra. O seu porto, chamado Mandraki, não pode receber senão navios de pequena lotação; e o mar, que se precipita impetuosamente por um espaço aberto entre a ilha de Sapiencia e um bastião construido na entrada do ancoradouro, forma o porto, que é em extremo perigoso.

Modon é habitada por mil e seiscentos turcos, e o arrabalde de Varochi contém uma população grega, que, junta á do cantão, apresenta um effectivo de oito mil cento e oitenta e cinco indivi-

duos divididos por cincoenta e duas aldeãs. O seu horizonte é limitado por uma cordilheira de montes. Proximo d'esta cordilheira vêem-se as reliquias de uma cidade, de um acropolis, e fragmentos de marmore, que parecem ser os restos da antiga Methonia.

Entre Modon e Navarino a distancia é de duas leguas e meia por mar, e duas por terra.

A bahia de Modon é abrigada pelos prolongamentos desiguales das massas penhascosas da ilha de Sapiencia. Os flancos d'esta são povoados de grutas naturaes. Um viajante, mr. Lauvergne, deu a descripção da mais curiosa d'estas grutas: «Tem interiormente, diz elle, a forma de nave de igreja gothica; a sua alta abobada é tapetada por infinitude de goiveiros amarellos que ahí se introduzem pelas fendas dos rochedos. A profundidade é de trinta e cinco a quarenta pés. A bocca, estreita, apenas permite a entrada ao visitante, porque a agua do mar que ahí penetra assenhoreia-se de mais de metade. O fundo ficou por muito tempo a minha attenção: supponha-se um tapete matizado das mais vivas côres, e ter-se-ha idéa d'este magnifico pavimento submarino. Encarreguei um mergulhador de apanhar um fragmento das rochas de que é formado, e trouxe-me, em um despojo calcareo, alguns thalassiphytes de diversas côres. O pedaço de pedra que examinei estava incrustado de conchas amarellas, verdes e encarnadas; e como eu nunca tinha visto nada semelhante, desenhiei-a immediatamente. Devo dizer que o contacto do ar fazia desbotar as côres. Na caverna, no sitio onde se toma terra, encontra-se uma profundidade, com alguns restos d'alvenaria grosseira, ainda que antiga. Ignoro o uso que teve; mas esta cova seria talvez destinada a operar alguns prodigios; porque a união de dois lanços de rocha que a terminam produz um phenomeno tal d'acustica, que uma voz de homem no *medium* torna-se grave e rebombante. As outras grutas nada offerecem de extraordinario. Costeando a parte da ilha que faz face ao Peloponeso, foi-me facil conhecer, no perfil vertical e na natureza penhascosa d'ambos os litoraes, que a Sapiencia é o resultado de uma violenta separação do continente. Junto á praia vi um cemiterio onde se enterravam antigamente os empestados. O resto da ilha é de tal modo entulhado de aroeiros, arbustos e urzes, que tornam difficil a entrada ahí, não podendo por conseguinte proceder-se a investigações. Descobrem-se apenas alguns vestigios de cabras e outros animaes que ahí vivem no estado selvagem.»

Reinado de D. Affonso VI.

(Fragmentos).

LIGA FRANCO-LUSITANA DE 1667.

Continuação.

As cartas que Castelmelhor escreveram de Salva-terra em 22 de Fevereiro a Saint-Romain, e Schomberg não deram ainda indicio de reabertura de negociações, antes n'ellas predominava a idéa de recommençar a guerra, empenhando diligencias para que lhe viessem auxilios de França. N'este, ou no seguinte dia deviam os inglezes partir para Madrid: prompta tinham já a escolta que devia acompanhá-los. Esperava-se entretanto, que voltassem em breve, ao menos um d'elles. Cumpre confessar que em Portugal tanto pareciam dispostos á paz, como ás treguas. Ainda que houvesse entre ambas grande differença, se uma trazia o reconhecimento da nossa independência, as outras nos dispensavam da restituição dos bens dos exilados, e da contribuição annual de quatro mil homens para a guerra da Hespanha com a França.

Os commissarios inglezes, cavalheiro Southwell enviado de Inglaterra a Portugal, e lord Fanschaw embaixador inglez em Madrid, encarregados de negociarem o tratado de treguas por trinta annos, deixaram emfim Portugal. O nosso governo rejeitara propostas que não reconheciam o titulo do rei portuguez. Rejeitando a idéa de treguas, só admittia a de continuação de guerra, ou a de paz, com a condição de reconhecerem a nossa in-

dependencia, promettendo não se ligar á França se a paz se ajustasse até fins de Março. Partindo para Hespanha os dois inglezes foram portadores do projecto portuguez, promettendo communicar-nos a resposta que se lhes offerecesse.

A nossa proposta não foi bem recebida em Madrid: recusaram mesmo por muito tempo audiência a Fanschaw.

Vendo e considerando a marcha dos acontecimentos tinha a França peculiar interesse em se metter de permeio n'esta negociação, e tratar primeiro com Portugal, obrigando-se a declarar guerra á Hespanha por causa dos seus direitos a parte da Flandres, logo que concluísse paz com Inglaterra; obrigando-se Portugal no entanto a não concluir com Hespanha, nem paz nem treguas. Depois de declarada a guerra, obrigava-se a França a não fazer com Hespanha nenhum ajuste sem que Portugal fosse n'elle comprehendido, e D. Affonso vi tratado de rei a rei, obrigando-se o governo portuguez a observar o mesmo da sua parte.

Portugal e França atacariam Hespanha com todas suas forças: fariamos todos os annos duas campanhas. Pelo interim, até que a guerra fosse declarada pela França, e para que nada ajustássemos n'este intervallo com Hespanha, promettiam-nos para continuarmos as hostilidades um subsidio de cerca de quatrocentos contos annuaes, metade para pagamento das tropas estrangeiras que estavam ao nosso serviço, e a outra metade para a empregarmos segundo melhor julgássemos, permanecendo sempre este ultimo subsidio no caso de podermos e quermos dispensar a tropa estranha.

Taes eram substancialmente os meios que a França empregava para se fazer solidaria com a politica portugueza, e para ter n'ella influencia, prevenindo que a Inglaterra se lhe antecipasse.

Sobre o casamento da princeza d'Aumale procurava Luiz xiv cimentar o seu projecto. Proxima a partir para Portugal, a nova rainha fôra pelo rei de França aconselhada e industriada. Promettiam ao conde de Castelmelhor, que ella se entregaria toda á sua direcção, e só n'elle teria confiança. Era uma garantia offerecida ao primeiro ministro, tanto para sua conservação como para seu augmento, e evidentemente com o proposito de obrigar-o a seguir as vistas da França na questão hespanhola.

A lisonja foi ainda outra astucia da parte da França para com D. Affonso vi. Era notavel a premeditação com que aprovaço a vinda da qualidades extraordinarias e verdadeiramente reaes, espirito penetrante, juizo seguro, vigor indomavel, coragem heroica, inviolavel fidelidade a suas palavras, applicação perpetua e infatigavel á direcção dos negocios do seu reino na paz, e na guerra, o que sem contradicção lhe tinha ganho o primeiro logar na reputação e na gloria dos principes do seu seculo. E entretanto nada havia meios verdadeiro!

Em 24 de Maio uma armada hespanhola em numero de dezeseis ou dezete velas appareceu na embocadura do Tejo. Este successo espalhou terrores, sobre tudo porque se esperava a frota do Brazil. Castelmelhor pediu logo ao enviado de França que procurasse accelerar a vinda da esquadra franceza do Mediterraneo, diante da qual esperava que a hespanhola se retirasse. Duas cartas de Saint-Romain, para o almirante duque de Beaufort, foram immediatamente levadas por terra ao governador de Faro, com ordem de mandar sair duas barcas com ellas, e procurar a armada franceza para as entregar. O convite era feito por ordem do rei de França; e tambem por ordem d'elle andava no mar o navio *Glochetti* procurando a mesma esquadra, á qual se pedia se desse pressa em chegar e entrar no Tejo, para ahí esperar e prevenir que a que devia conduzir a rainha de Portugal não recebesse da hespanhola, que andava nas nossas costas, algum insulto.

No dia 10 de Junho entrou Beaufort no porto de Lisboa. Na foz encontrara a armada hespanhola em numero de dez navios, e a obrigara a saudal-o com salva e pavilhão almirante, ao que elle só respondeu com salva. Na sua subida do rio todas as fortalezas portuguezas o saudaram primeiro. O accio e esplendor das embarcações at-

trahiam todas as vistas, e era grande a multidão que ia visital-as. No dia 12 veio o duque a terra com magnifico sequito, n'um bergantim, acompanhado de todos os da armada, empavezados com bandeiras e galhardetes, para comprimentar o rei, pelo seu casamento com sua sobrinha, do que Affonso vi parecera ficar mui satisfeito. No palacio e margens do rio era incalculavel a concorrência, e grande a alegria popular.

Depois de fazer aguada preparava-se a esquadra franceza para sair a cruzar na costa á espera da rainha.

Havia dias que a hespanhola deixara de apparecer, e suppunha-se que dobrara o cabo de San-Vicente e se recolhera a Cadiz. Entretanto em 26 de Junho pela manhã appareceu de novo na embocadura do Tejo em numero de sete navios, e ahí andou cruzando até á noite, depois de ter chegado tres vezes a alcança da artilharia das fortalezas, carregando as velas grandes á vista da esquadra franceza, que tinha segura por lhe ser o vento contrario. O facto da esquadra hespanhola tomar á tarde o caminho do cabo da Rocca, infundia grandes cuidados, receando-se que fosse ao encontro da frota que conduzia a rainha. Isto levou o rei a mandar logo pelo conde de Castelmelhor pedir ao almirante francez que se fizesse ao mar para salvaguardar a rainha, e que conferenciasse com elle n'um convento que sobre a praia ficava fronteiro ao logar em que a almiranta franceza estava fundeada.

Effectivamente, o almirante Beaufort saiu do rio ao encontro das armadas, no dia 28 de tarde. Continua. JOSÉ DE TORRES.

A cidade de Guimarães.

Se dermos credito aos nossos antiquarios a origem de Guimarães quasi que se perde na escuridão dos tempos. Alguns dão-lhe por fundadores os gallos celtas, e como se isto não bastasse para sua nobreza, ainda ha quem lhe attribua um principio mais remoto. Deixando porém estas noticias meio fabulosas e destituídas de bons fundamentos, diremos contudo que a sua primeira fundação é anterior alguns seculos á monarchia, e que teve por assento a pequena eminencia visinha, onde vemos o castello.

Começou a actual povoação junto a um mosteiro, que a condessa Mumadona, tia de D. Ramiro II, rei de Leão, edificou em o anno de 927.

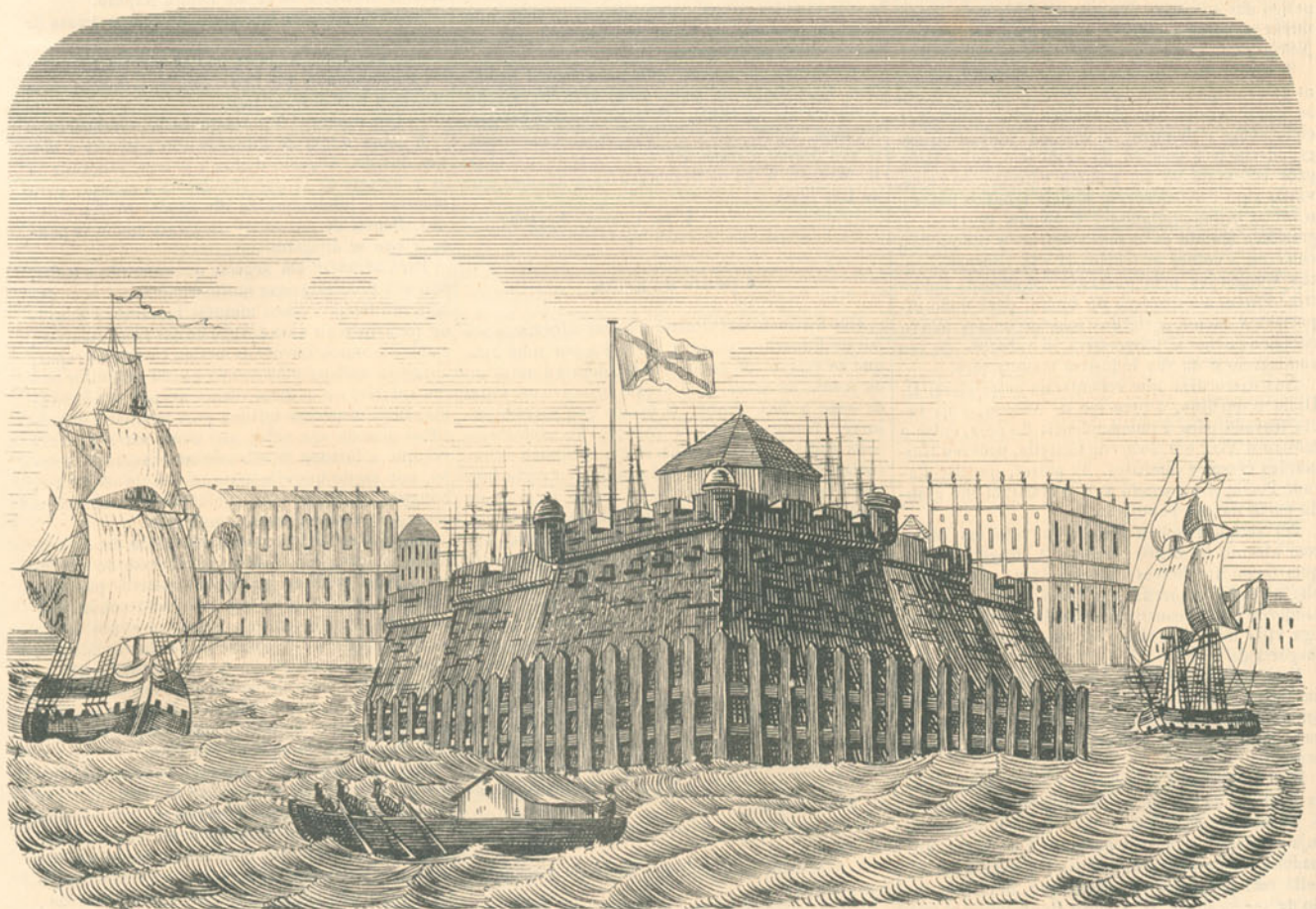
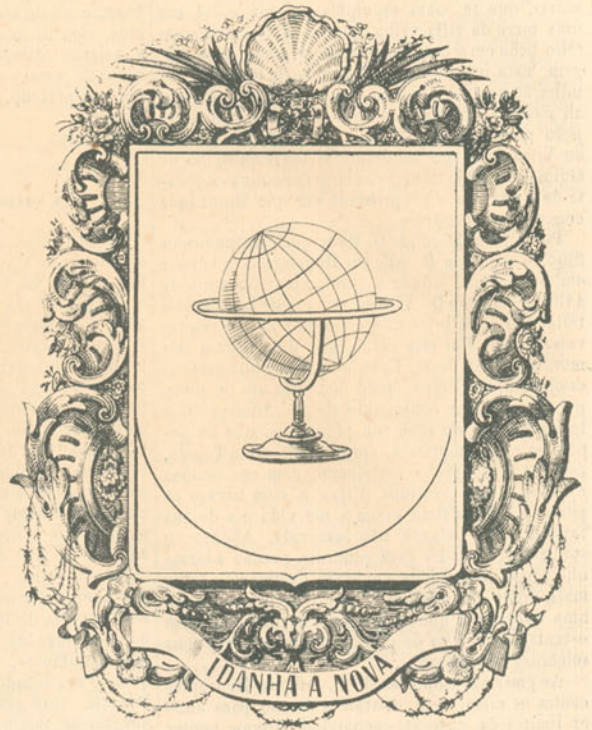
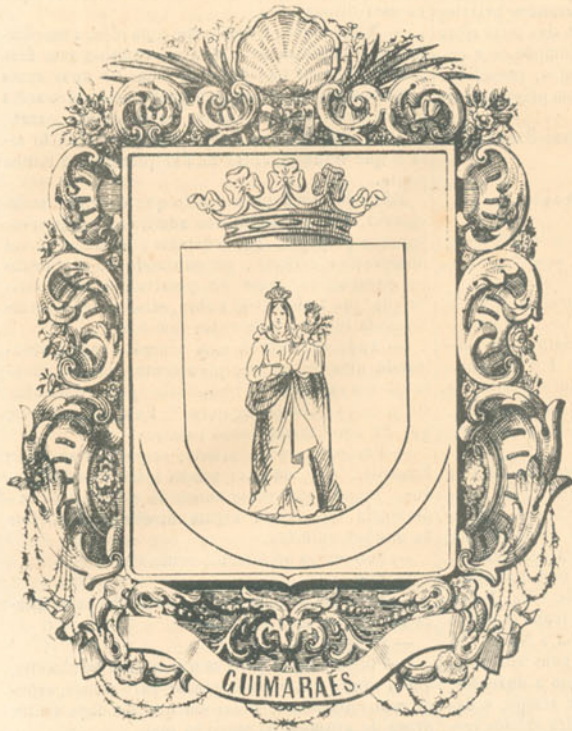
Apenas concluida a fabrica do mosteiro, que em relação ao tempo era uma obra grandiosa, no qual se accommodaram monges e freiras, vivendo com bastante largueza pelas avultadas doações que a fundadora lhes fizera, foram-se construindo em torno do convento algumas casas para habitação de pessoas dependentes d'elle. Cresceram pouco a pouco estas edificações, mudando-se para este sitio os moradores da antiga villa Vimaranes, que assim veio a despojar-se e a arruinar-se de todo, restando hoje poucos vestigios d'ella.

Para defesa do mosteiro, aonde Mumadona se recolhera depois de viuva, e do burgo, que já contava bom numero de habitantes, mandou a condessa fundar a pouca distancia do mosteiro, no sitio em que outr'ora se erguia a villa velha, um forte castello, cercado de altas muralhas, e flanqueado de sete torres. N'este venerando castello, que ainda se levanta magestosamente sobre throno de rochedos, veio no fim do seculo seguinte assentar a sua côrte D. Henrique de Borgonha, conde de Portugal pelo seu casamento com D. Tareja, filha de D. Affonso 6.º, rei de Leão e de Castella.

Ahi, dentro do recinto d'essas toscas muralhas, que seriam hoje estreito espaço para residencia d'um simples governador, nasceu e creou-se o vencedor d'Ourique, o primeiro rei dos portuguezes.

O mosteiro da condessa Mumadona, santuario consagrado á Virgem sob a invocação de Nossa Senhora da Oliveira, e venerado em todo o reino pelo milagre que deu origem á invocação, tornou-se mais tarde n'essa real collegiada, que desfructa honras quasi de sé.

Deu foral á nova villa o conde D. Henrique, conservando-lhe o mesmo nome da antiga, que se chamava *Vimarões*. Parece que a etymologia d'a-



Cronstadt



Modon na Grecia.

Julio, que lhe dou dezeseis de partido, e se chega aos vinte já eu tenho ganho. Assim é a caça: apenas aponta, desfecha logo e nunca mata, em quanto que eu, não ha tiro que me falhe.

CESAR — Pois vou ganhar-lhe ao bilhar, e amanhã ao tiro.

JOÃO DE CASTRO — Isso é o que vamos ver. (saem tomando a entrada da propriedade).

SCENA IX.

ADELAIDE E MARGARIDA.

MARGARIDA — Eil-a! serei o seu juiz. Aproxime-se, Adelaide.

ADELAIDE (chegando-se) — Aqui estou, minha senhora.

MARGARIDA — Viu os modos de meu marido? percebeu-lhe as palavras?

ADELAIDE — Valha-me Deus, já lhe não mereço que me trate amigavelmente como d'antes? Ha tanta severidade n'esse ar, n'essas palavras!...

MARGARIDA — Algum tempo entendi dever-lhe chamar minha amiga... não formarei por em quanto má ideia a seu respeito... mas se d'aqui a um instante...

ADELAIDE (interrompendo-a) — Que mal lhe fiz eu? Abusaria porventura da sua bondade? Digam'o francamente, minha senhora. O meu unico desejo é viver ao lado da meiga companheira da minha infancia. Muitas vezes fujo de ir ás salas, hesito em me sentar ao pé da sua cadeira, tremo de ouvir a conversação das visitas que se reúnem, porque tenho receio... porque me vejo constrangida, porque me horrorisa a idéa de que n'um momento podem descobrir em mim aquella mulher perdida!... (suffoca-se em soluços).

MARGARIDA — Socegue; seria uma puerilidade tudo isso, se uma circunstancia importante não acabasse de ter logar. Meu marido desconfia de todos e descre de tudo... Viu perfeitamente, que turbada e receiosa, procurava esconder uma carta. É necessario que me dê esse papel, e que eu verifique o seu conteúdo.

ADELAIDE — Oh! nunca, minha senhora, nunca! MARGARIDA — Vejo agora que meu marido tinha razão... e aqui para nós, Adelaide, a mulher que entrou uma vez no caminho da perdição, não pode voltar á estrada da virtude.

ADELAIDE (á parte) — Faltava isto!... MARGARIDA — N'esse caso, essa carta encerra alguma coisa que a compromette, que talvez avilta a casa hospitaleara que não duvidou acolher... uma infeliz!

ADELAIDE (suffocada em pranto) — Não me crimine assim... juro-lhe que estou innocente.

MARGARIDA — Então porque me não entrega esse papel?

ADELAIDE — De tudo que fosse meu, nada lhe podia occultar; esta carta porém... (tirando-a) não é minha, e devo tornar inviolavel o seu conteúdo.

MARGARIDA (á parte) — E' demais! (alto) O que acabei de pedir-lhe, vae ser exigido. Quero, preciso que me dê esse escripto. De tanta deferencia não devera ter usado já para uma creatura da sua condição... Agora não são meios persuasivos, emprego a minha autoridade.

ADELAIDE (aos pés de Margarida erguendo as mãos) — Piedade, minha senhora... piedade! Não me tire este papel; farei tudo, renunciarei até a viver aqui... mas não me obrigue; ter de resistir-lhe, e matar-me.

MARGARIDA — Não se resiste a quem se deve tanto... é inutil implorar, serei inflexivel. (quer arrancar-lhe o papel).

ADELAIDE — Pelo amor de Deus! (procura precipitadamente metter o bilhete no seio, desviando as mãos de Margarida).

MARGARIDA (tendo-se apossado do papel) — Vou ver emfim...

ADELAIDE (erguendo-se, e indo cair desfallecida no banco) — Vae saber tudo!

MARGARIDA (que tem aberto, e passado a vista pelo bilhete, vem cair lentamente aos pés de Adelaide) — Oh! perdão! perdoe-me minha irmã!... E eu... eu sou muito culpada, não sou?...

ADELAIDE (levantando-a nos braços) — Vamos... socegue, minha senhora; este segredo nunca sairá

da minha alma agradecida. Quizera poupar-lhe esta dôr!

MARGARIDA — Salvaste-me da maior vergonha! Se encontrassem esse bilhete... Depois do que te fiz soffrer, poder-me-has perdoar?

ADELAIDE (apertando-a contra si) — O perdão, minha senhora, é só a Deus que se pede, e Deus é sempre indulgente com os corações que amam... e que soffrem!

MARGARIDA (beijando-a ternamente) — Consolame as tuas palavras.

ADELAIDE — A restituição da sua estima é o meu maior orgulho.

MARGARIDA — Como terei agora animo de encarar a sangue frio meu marido? Se elle suspeitasse...

ADELAIDE — Não hade suspeitar... O seu nobre coração dar-lhe-ha forças para vencer a lucta... creia!

MARGARIDA — Não me julgas culpada, não é assim? Não me despresas, não é verdade?

ADELAIDE — Aqui não ha culpa, e aonde não ha falta não pode haver o arrependimento nem o remorso!

MARGARIDA — Julio respeitou-me sempre, e eu confiava-me á sua honra.

ADELAIDE — Elle é bastante delicado; não sei porque, mas aquella physionomia inspira confiança.

MARGARIDA — E' um coração ardente, mas um leal caracter.

JORGE (que entra) — Meu amo pede a v. ex.ª a bondade de chegar á sala do bilhar.

MARGARIDA — Lá vou. (a Adelaide, beijando-a) Hade-me custar, mas heide esquecel-o! (sae).

Continua.

● PRISIONEIRO.

Oh, patria! Oh, patria! tão minha, tão qu'rida, Que tinhas soldados por ti a brigar... Em lucta sanguenta tu foste vencida, Não tens uma esp'rança, sequer, a brilhar...

Confiada no braço de tantos valentes, Erguias a fronte de nobre altivez, Sem crer que teus loiros de gloria, virentes, Pudesse da sorte murchar um revez.

Tu foste afrontada — e um brado de guerra Na bocca de todos, fervente, se ouviu: «As armas! As armas! que é nossa esta terra!...» E todo o soldado p'ra a lucta partiu.

Partimos... brigámos... sim, fomos soldados Luctando p'la gloria da terra natal: Empenho tão nobre nos peitos honrados Coragem desperta, valor sem equal...

Brigámos com alma — heroes destemidos Soubemos o sangue p'la patria verter; Mas brios tão fortes ficaram vencidos... Que nem sempre é dado aos heroes o vencer.

Oh, patria! tão minha! tão bella! tão qu'rida! Que tinhas soldados por ti a brigar! Em lucta sanguenta tu foste vencida, Não tens uma esp'rança, sequer, a brilhar.

Patria! Patria!... prisioneiro Só vivo p'ra te chorar... Pelejei como guerreiro Mas não te pude salvar... Perdoa, patria, ao soldado, Que combateu esforçado, Mas que não pôde vencer... Perdoa a quem desejava, Primeiro que ver-te escrava, Por ti na lucta morrer!

Dei meu sangue na batalha, Mas não cessei de brigar; Nuvens de fumo e metralha Afrontei sem descorar; Ouvi sibilar as balas, Que nossas guerreiras alas Vinham rojar pelo chão...

Ouvi, com estridor forte, Raivosa bradar a morte Na bronzea voz do canhão.

E não tremi — esforçado, O horror da lucta encarei... Por entre o fogo cruzado, Audaz soldado, avancei. Mal haja quem é covarde, E o sangue todo não lhe arde Vendo affrontada a nação! Maldito! Maldito seja, Quem no ardor de nobre p'leja Lhe desmaia o coração.

Não desmaiei — sempre forte, Oh, patria! luctei por ti... Mas contra mim tive a sorte... Heroe fui... mas não venci. Não — mas tenho por consolo O dizer: — por ti, meu solo, Briguei com alma e vigor! Na lucta fui clarotado, Mas o dever de soldado Cumpri com todo o valor.

Perdi... perdi, desgraçado, Da patria a formosa luz... O nobre peito ao soldado Nem uma esp'rança seduz! Perdi-te a ti, liberdade, Luz de pura clarotado, Vida do meu coração. Alma e alento d'um peito, Que se vê hoje sujeito Aos ferros da escravidão.

D'um peito sempre robusto, Que te soube, oh patria, amar; Que dera a vida sem custo Por te fazer triumphar. Fui vencido! Desgraçado! O que resta hoje ao soldado, Que teve que se render? Ao valoroso guerreiro... Ao mesquinho prisioneiro O que lhe resta? Morrer.

Só morrer. — Encara a morte Sem pallidez, sem pavor. Quem no campo se viu forte Afrontando-a com valor... Morreste, patria, e o soldado, Que tinha-te alma votado Não te quer sobreviver... Morre em ferros, prisioneiro, Quem na batalha, guerreiro, Só desejara morrer.

Morro — porém sem remorsos N'este ousado coração; Não foi por falta de esforços, Que não salvei a nação. — O vencer pertence á sorte; Pelejar com peito forte E' de soldado leal: Ninguém dirá, com verdade, Que a vida p'la liberdade Não dei á terra natal.

Dirão, muito embora, que o pobre soldado, Na lucta vencido, finou-se de dôr; Porém que não houve quem mais esforçado Cumprisse o dever de leal defensor.

Fui teu defensor, minha patria... desculpa A quem a victoria não soube ganhar... Perdoa-me, patria... que morro sem culpa Attesta-o a f'rida, que vês gotejar.

Goteja-me o sangue... de forças exausto, Desmaia, succumbe um leal coração... Que importa que eu morra, se em puro holocausto A vida, sem custo, vou dar á nação.

J. I. D'ARAÚJO.